Topofilia, memória e identidade: estudo das relações afetivas com o lugar no bairro São Marcos, Ocara-Ceará

Topophilia, Memory, and Identity: A Study of Affective Relationships with Place in the São Marcos Neighborhood, Ocara, Ceará

Topofilia, memoria e identidad: estudio de las relaciones afectivas con el lugar en el barrio São Marcos, Ocara - Ceará

Francisco Iarlei Martins Soares
licenciado em geografia pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), Mestrando em geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Francisco Claiton Alexandre Barbosa
Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Resumo:
A presente pesquisa investiga as percepções das relações topofílicas estabelecidas no bairro São Marcos, localizado no município de Ocara, Estado do Ceará, analisando como essas conexões influenciam na construção da memória e na formação da identidade local. O conceito de topofilia, desenvolvido por Yi-Fu Tuan, refere-se ao elo afetivo estabelecido entre as pessoas e os lugares, constituindo o elemento fundamental na construção de identidades individuais e coletivas. O objetivo geral consiste em analisar a partir da percepção dos sujeitos como as relações topofílicas no bairro São Marcos influenciam na construção da memória. A metodologia empregada caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, descritiva, exploratória, documental e de percepção observacional, complementada por registros fotográficos. Os resultados revelam que o bairro São Marcos constitui um espaço de significativo valor simbólico.

Palavras-chave: Topofilia, Percepção, Identidade, Lugar, Ocara.

Este trabalho está licenciado com https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

Abstract:
This research investigates the perceptions of topophilic relationships established in the São Marcos neighborhood, located in the municipality of Ocara, State of Ceará, analyzing how these connections influence the construction of memory and the formation of local identity. The concept of topophilia, developed by Yi-Fu Tuan, refers to the affective bond established between people and places, constituting a fundamental element in the construction of individual and collective identities. The general objective is to analyze, based on the subjects' perceptions, how topophilic relationships in the São Marcos neighborhood influence the construction of memory. The methodology employed is characterized by a qualitative approach, grounded in bibliographic, descriptive, exploratory, and documentary research, as well as observational perception, complemented by photographic records. The results reveal that the São Marcos neighborhood constitutes a space of significant symbolic value.

Keywords: Topophilia, Perception, Identity, Place, Ocara.

Resumen:
La presente investigación investiga las percepciones de las relaciones topofílicas establecidas en el barrio São Marcos, ubicado en el municipio de Ocara, estado de Ceará, analizando cómo estas conexiones influyen en la construcción de la memoria y en la formación de la identidad local. El concepto de topofilia, desarrollado por Yi-Fu Tuan, se refiere al vínculo afectivo establecido entre las personas y los lugares, constituyendo elemento fundamental en la construcción de identidades individuales y colectivas. El objetivo general consiste en analizar a partir de la percepción de los sujetos cómo las relaciones topofílicas en el barrio São Marcos influyen en la construcción de la memoria. La metodología empleada se caracteriza por un abordaje cualitativo, fundamentado en investigación bibliográfica, descriptiva, exploratoria, documental y de percepción observacional, complementado por registros fotográficos. Los resultados revelan que el barrio São Marcos constituye un espacio de significativo valor simbólico.

Palabras-clave: Topofilia, Percepción, Identidad, Lugar, Ocara.

Introdução

Esta pesquisa debruça-se sobre as percepções dos sujeitos no contexto específico do bairro São Marcos, em Ocara, Ceará, buscando compreender como os vínculos topofílicos influenciam e moldam esse lugar. O conceito de topofilia, desenvolvido por Yi-Fu Tuan (1980), refere-se ao elo afetivo estabelecido entre as pessoas e os lugares, constituindo elemento fundamental na construção de identidades individuais e coletivas.

A investigação das relações topofílicas no bairro São Marcos justifica-se pela necessidade de compreender como comunidades urbanas periféricas constroem e mantêm sua identidade em contextos de transformação acelerada. Neste sentido, o estudo do bairro São Marcos oferece insights valiosos sobre os processos de construção identitária em comunidades urbanas do interior cearense. Tem como foco a sociabilidade dos lugares, a partir de eventos religiosos, esportivos e de lazer, que integram diferentes sujeitos num mesmo espaço e em temporalidades distintas.

O objetivo geral deste trabalho é compreender as relações topofílicas no bairro São Marcos, Ocara-CE, através de um estudo da construção da memória e identidade dos moradores por meio das interações sociais e afetivas, analisando como as pessoas dão sentido ao lugar a partir do viver, construindo um sentimento de pertencimento. Investigar como a topofilia está relacionada na construção da identidade dos indivíduos é entender os diferentes olhares na construção da memória dos cidadãos em relação à cidade.

Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se na etnogeografia, buscando compreender os significados atribuídos pelos moradores ao bairro São Marcos, em Ocara-CE, a partir de suas experiências, memórias e práticas cotidianas. Para a produção dos dados, realizou-se levantamento bibliográfico e trabalho de campo orientado pelo método andarilho e conversante, com observações da paisagem, registros em diário de campo, conversas informais com moradores e registros fotográficos. Os dados foram interpretados à luz da Geografia Humanista, articulando as contribuições teóricas sobre topofilia, lugar, memória, identidade e pertencimento às experiências vividas no bairro.

Os resultados demonstraram que o bairro São Marcos se constitui como lugar de profundas significações afetivas, onde elementos materiais e simbólicos entrelaçam-se na construção de uma identidade coletiva distintiva. A presença de marcos espaciais como a Capela de São Marcos, o Açude Antônio Dodó e a Arena Dodozão, são espaços de sociabilidade comunitária que funcionam como suporte material para memórias e práticas que sustentam o sentimento de pertencimento.

O presente trabalho está estruturado a começar por esta introdução e mais três seções seguintes. Na primeira seção abordamos os principais autores e conceitos empregados na pesquisa, discutindo os fundamentos teóricos. A segunda seção é composta pela abordagem metodológica, os caminhos para alcançar o objetivo proposto. Por fim, a terceira e última configura-se como o principal ponto desta abordagem, partindo da caracterização da área de estudo fazendo uma apresentação dos resultados.

Topofilia, memória, identidade e lugar: fundamentos teóricos da pesquisa

A compreensão das relações afetivas entre pessoas e lugares constitui um campo fundamental para o entendimento da construção identitária e da memória coletiva em diversas comunidades. O conceito de topofilia, conforme desenvolvido por Tuan (1980), representa o elo afetivo estabelecido entre o indivíduo e o meio, manifestando-se através de experiências pessoais concretas e vívidas que transcendem a materialidade.

A construção do sentimento de pertencimento a um lugar específico desenvolve-se através de processos complexos que envolvem tempo, experiência e interação social. Conforme observa Barbosa (2010), as relações topofílicas emergem das práticas cotidianas e das vivências compartilhadas, criando uma teia de significados que conecta os indivíduos ao espaço habitado. No contexto do bairro São Marcos, essas conexões revelam-se através de elementos tangíveis e simbólicos que compõem a paisagem local, desde a arquitetura das residências até os espaços de convivência comunitária.

A memória desempenha papel crucial na consolidação dessas relações afetivas com o lugar. Pollak (1992) argumenta que a memória constitui elemento essencial na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, funcionando como um processo de produção de autoimagem em referência aos outros. No bairro São Marcos, as memórias públicas revelam transformações significativas no espaço urbano e nas dinâmicas sociais, evidenciando como o passado continua a influenciar as percepções e vivências do presente.

O conceito de lugar, conforme elaborado por Relph (1976), transcende a dimensão física para incorporar significados, experiências e conexões emocionais. Esta perspectiva fenomenológica permite compreender o bairro São Marcos não apenas como um recorte territorial do município de Ocara, mas como um espaço vivido, carregado de significações construídas ao longo do tempo pelos seus habitantes. A identidade do lugar emerge, assim, da interação dialética entre as características físicas e humanas do espaço.

Moreira e Hespanhol (2011) destacam que o lugar se constitui como construção social, resultante das práticas e representações dos grupos que o habitam. Neste sentido, o estudo do bairro São Marcos oferece insights valiosos sobre os processos de construção identitária em comunidades urbanas do interior cearense, onde a abordagem geográfica das percepções evidencia a compreensão do espaço a partir de múltiplas dimensões.

A geografia humanista, ao longo de sua trajetória, caminhou por diversos contextos buscando interpretar os estudos das relações humanas com os lugares. Relph (1976), geógrafo canadense, contribuiu para tal perspectiva compreendendo uma profundidade e complexidade do lugar em relação a uma abordagem fenomenológica que integra o grau de pertencimento, do quanto um indivíduo está inserido ou distante de uma condição e seu grau de afinidade com o lugar. Assim, Ferreira (2002) afirma que, quanto mais intensamente se está íntimo de um lugar, mais forte é a identidade com ele. Portanto, a localização, paisagem e a ligação pessoal são partes essenciais para a concepção de lugar, ou seja, "o lugar seria, então, o centro profundo da existência humana, cuja essência estaria na intencionalidade grandemente não-autoconsciente" (FERREIRA, 2002, p. 47).

A relação do ser humano com o meio, suas condições e as formas de como ele se conecta com determinado espaço gerando uma afeição por aquele ambiente, na qual Tuan (1980, p. 4) aborda "[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal". Ele incorpora a esse vínculo, entre os sujeitos e o mundo ao seu entorno, a partir do desencadeamento da assimilação do ambiente, seguida por atitudes e valores. Como aborda Lewis (1979), os lugares têm significado, independentemente de quão comuns possam ser, pois eles carregam consigo nossos gostos e aspirações.

Tais percepções em associar homem e lugar foram analisadas por Luckermann (1964), defendendo a Geografia como a ciência dos lugares, com base na localização do entorno, porém sem tratar dos objetos materiais visíveis, e sim, como um espaço compreendido das experiências dos sujeitos. Esse novo ponto de vista da espacialidade humana construiu mais interpretações em que a visão e ideia de mundo é produzida através do aprendizado, imaginação e da memória (LOWENTHAL, 1985). Desse modo, afirma que "o homem e a terra, em qualquer local, estão inter-relacionados de inúmeras maneiras: todos os aspectos da vida humana estão intimamente ligados ao lugar" (LOWENTHAL, 1961, p. 1).

Pesquisas correlacionadas a essas perspectivas propõem a construção desses espaços condicionadas pela ação, decorrente de processos sociais, afirmadas por Cresswell (2013, p. 124), no qual "os lugares são produzidos pelas pessoas que constituem a sociedade, mas, ao mesmo tempo, eles são a chave para a produção das relações entre as pessoas. Lugar, em outras palavras, está bem no centro da humanidade".

A partir dessa análise, é possível associar a utilização do conceito de lugar com as relações sociais do ser humano, transformando o espaço e gerando significados. Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 151), "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado". Para tanto, as reflexões sobre as histórias que cada indivíduo carrega molduram, qualificando suas experiências íntimas com o lugar.

Assim, para Tuan (1983, p. 152), "os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem

espalhafato". Cada cenário disponibiliza diversas particularidades, e um indivíduo se apropria dessas significações pessoais à medida que se envolve com o lugar.

Segundo Yi-Fu Tuan (1983):

> Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas (TUAN, 1983, p. 156).

Ademais, todo sujeito atribui variados sentidos ao lugar com que compartilha sua história de vida, seja com grupos de pessoas ou de forma individual. Suas interpretações sobre determinado espaço estarão conectadas conforme suas sensações e entendimento pessoal em relação àquele entorno. Apenas o próprio indivíduo é capaz de compreender as próprias emoções, sendo elas positivas ou negativas.

Para Adriana Leite:

> Os lugares normalmente não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque sendo uma construção subjetiva e ao mesmo tempo tão incorporada às práticas do cotidiano que as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. Este senso de valor só se manifesta na consciência quando há uma ameaça ao lugar, como a demolição de um monumento considerado importante, ou quando há uma reivindicação comum como a visita periódica de um carro do fumacê. Assim, ao contrário das regiões delimitadas para fins de planejamento, plenamente reconhecíveis em mapas e cartas topográficas, através de

> símbolos e toponímias, a maioria dos lugares não são nomeados (LEITE, 1998, p. 12).

Arantes (2009) traz uma abordagem determinando o lugar como local de apropriação pela atividade humana, os espaços de experiências individuais e coletivas, logo, de memórias individuais e coletivas. A junção de todos esses aspectos incluídos no lugar demonstra a construção de um sentimento de identidade e pertencimento. Nas reflexões de Michael Pollak (1992), a identidade se trata da produção de uma própria autoimagem, criadas pelas pessoas ou grupos em menção aos outros.

A função da memória na ampliação das vivências dos sujeitos causa o surgimento dessa identidade. A volta ao passado através do uso da memória traz reflexões sobre o seu eu interior, rememorando as lembranças transformadas ou não, por meio de ações ao longo da trajetória do indivíduo. Para Barros (1999, p. 34), "inscrita na cultura e produtora de processos culturais, a memória é uma espécie de reservatório que aglutina os processos de identidade e identificação".

Conforme essa interpretação, Amaral (2006) relata que o sentimento de pertencimento parte de uma crença subjetiva que une diferentes pessoas, pelo fato de que cada sujeito pensa ser membro de uma estipulada coletividade que manifestam valores, receios e pretensões por intervenções de símbolos. Ainda segundo Amaral (2006), sentir-se que pertence a algum lugar e, em consequência, sentir que aquele lugar também lhe pertence, possibilita ao indivíduo envolver-se nos costumes e nos destinos de tal entorno.

Diante dessa perspectiva, Serpa (2013) considera que o espaço pode ser interpretado a partir de um evento das práticas humanas, no qual acredita que somente através dos lugares se pode comunicar-se com o mundo. Nessa discussão, Marandola Jr. (2014, p. 228) inteira ao deduzir que, "é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no Mundo". Logo, a experiência é algo essencial para base de um lugar, pois através dela formam-se as esperanças e se reconstrói o passado, a fim de formar os próprios lugares.

Como aborda Relph:

> Lugar onde conflui a experiência cotidiana, e como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo (RELPH, 2014, p. 29).

A necessidade da experiência se torna fundamental para o lugar, tanto para estar de fato existindo nele como para dar novos significados. No mundo contemporâneo, essas junções que se reproduzem entre os lugares tornam-se mais perceptíveis por meio das mídias sociais. Partindo desse contexto, a construção do ser humano-lugar, usando da memória para entender as raízes por trás dessa afetividade criada com determinado espaço, permite dar ao lugar sentimentos e significações.

Assim, para Tuan (2012, p. 144), "a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar". Portanto, esse amor foge dos termos literalmente usados em obras de romance. Esse termo em questão busca interligar sentidos e significados à conexão dos indivíduos com o apego ou desinteresse pelo lugar. Nesse sentido, refletir acerca dessas conexões com os lugares antigos que continuam existentes no presente e persistem no futuro são resultados da instigação pela memória.

Conforme abordado por Candau (2014, p. 16), "a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada". A relação do indivíduo com a memória em sua rotina é fundamental para sua troca de interação com o lugar, fazendo-o se manter vivo intimamente com o sujeito, ainda que ele tenha sido distanciado fisicamente, estará conectado de alguma forma pela memória.

Exposto a isso, os vínculos não estão sujeitos a serem perdidos no decorrer do tempo e do espaço. O ser humano por si mesmo os preserva e os reproduz ao longo de sua vida. A necessidade por novas experiências sujeitas pelas adversidades da vida obriga as pessoas a se deslocarem dos lugares antes de aconchego, para o inverso, espaços de desafios. Mas, sempre buscando um lugar que lhe abrigue.

Nesse sentido, Dardel (2011, p. 41) explica que "podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lar para onde nós iremos". O sujeito sempre necessitará dos dois elementos (memória/lugar) enquanto um ser que se modifica e reconstrói significados à medida em que se relaciona com grupos de pessoas. O ser social implica nas diversas formas de relacionamento das pessoas durante sua formação pessoal.

Com esse raciocínio, Chaveiro (2014) expõe que as personalidades de cada pessoa são influenciadas pelo mundo, por grupos dos quais o indivíduo está introduzido, experimentando das relações cotidianas vivenciadas através dos lugares e ao longo das circunstâncias presenciadas. Desse modo, o lugar com suas diversas interpretações é refletido junto ao sujeito, em sua experiência e em sua memória.

> O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal. Não é à toa que pensar em lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar de lembranças, lugar de saudade, lugar de memória, lugar de identidade. Ele parece mais conectado a uma tradição, a uma experiência profunda de entrelaçamento com a terra. Um ritmo lento onde o sentido da permanência prevalece. Mas não apenas isso (MARANDOLA JR., 2014, p. 229).

Assim, a identidade é capaz de dar novos sentidos aos lugares, atribuir sentimentos dos indivíduos que por sua vez serão modelados pela memória, fazendo parte desse complexo aglomerado de elementos que formam a personalidade de cada pessoa em relação à sua experiência com determinado espaço.

Para Cruz (2007, p. 22), "a identidade não é uma essência: não é dado ou um fato fixo, estável, permanente e definitivo, nem tampouco é completamente coerente, unificada, mas sim instável, contraditória, inacabada e contingente". Compreendendo dessa

maneira, o fato das mudanças de comportamento e entendimento das pessoas aos lugares, mediante as experiências que ela estará sujeita ao decorrer de sua vida, transformando sua identidade de forma ativa.

Com isso, essa vinculação íntima entre a identidade e a memória são importantes na construção de afinidade do indivíduo sobre o lugar. Segundo Candau (2014, p. 61), "sem a memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece".

O fato de o sujeito estar em um lugar não implica diretamente na identificação do mesmo com aquele espaço. Porém, a partir das lembranças ele se transporta para entorno do qual sua memória afetiva lhe faz sentir pertencimento. Essa dinâmica incorpora os significados designados ao entendimento sobre o lugar, pois por meio dele os indivíduos se conhecem, se identificam com os costumes do dia a dia, e fazendo o uso da lembrança transportam-se para ambientes que estão em sua consciência mesmo não estando materialmente naquele espaço.

Ao usar o exemplo do bairro São Marcos, observa-se como as relações de identidade resgatam as memórias desde os primeiros passos em suas moradias, o primeiro ponto onde elas se sentem no mundo. Como explana Bachelard (2008, p. 24), "é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção de termo".

Após essa primeira etapa, os indivíduos se interligam com outros aspectos, conhecendo as interações para além da casa, se inserem nos grupos, nas culturas, gerando um elo entre ele e aquele lugar, já não sendo algo apenas "visível", mas concentrado de sentimentos e memórias. Dessa forma, nasce as relações topofílicas que se enraízam durante a vida de cada sujeito, os hábitos diários tornam-se fixos nas recordações, as ruas e calçadas não são apenas asfalto e concreto, tornam-se lugares de encontro entre os vizinhos para uma troca de conversa no fim da tarde.

A compreensão dos diversos sentidos que surgem a partir da topofilia dos lugares, busca explicar o quanto um lugar pode ter significados, fugindo do termo científico e conectando-se ao meio social em decorrência do convívio das pessoas com espaço.

Entre caminhadas e conversas: os caminhos metodológicos da pesquisa

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se na etnogeografia, compreendida como uma estratégia de investigação que busca interpretar as relações entre os sujeitos e os espaços vividos a partir de suas experiências, práticas cotidianas, memórias e significados atribuídos ao lugar. Busca compreender os significados atribuídos pelos moradores do bairro São Marcos, no município de Ocara-CE, com foco no ponto de vista das pessoas que vivem o lugar, onde a partir do cotidiano e das vivências criam laços afetivos com aquele espaço.

A escolha pela etnogeografia justifica-se pela necessidade de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos ao lugar a partir de suas experiências cotidianas, valorizando as formas de percepção, as práticas espaciais e os vínculos afetivos construídos ao longo do tempo. Ela requer do pesquisador uma imersão e aproximação do grupo ou da comunidade pesquisada, para assim, conhecer suas práticas, os saberes-fazeres cotidianos, as relações com o meio e suas representações (Lopes Ribeiro, 2022).

De início, realizou-se um levantamento bibliográfico dos autores que discorrem sobre os principais conceitos abordados no trabalho, trazendo discussões sob diversas análises de diferentes teóricos, num esforço epistemológico para aliar teoria e prática. Foram consultadas bases de dados acadêmicas, incluindo o Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico, além de acervos de bibliotecas institucionais. Assim, buscou-se em Tuan (1980) a compreensão da topofilia como vínculo afetivo entre sujeitos e lugares, articulando essa perspectiva à noção de geograficidade discutida por Dardel (2011), que enfatiza a experiência existencial do homem com a Terra.

Com a bibliografia catalogada, foi utilizado o método caminhos de andarilho e conversante, elaborado por Marandola Junior (2008) que permitiu uma aproximação sensível com as experiências dos sujeitos e com os significados atribuídos ao bairro São Marcos. Em diálogo com o trabalho de campo, durante as caminhadas, foram realizados registros em diário de campo, observações da paisagem e conversas informais com moradores de longa permanência, agentes culturais e participantes das atividades

religiosas e esportivas observadas durante o trabalho de campo. Essas interações possibilitaram compreender as memórias, experiências e percepções relacionadas ao lugar, permitindo identificar elementos associados à topofilia, à identidade e ao sentimento de pertencimento.

O trabalho de campo foi realizado no bairro por meio de percursos sistemáticos pelas principais áreas de convivência comunitária, a Capela de São Marcos, o Açude Antônio Dodó e a Arena Dodozão. Entende-se que esses são locais onde ocorrem as sociabilidades que integram o processo de construção identitária dos sujeitos com o lugar. Nesse sentido, as caminhadas por esses lugares foram realizadas nos períodos em que estavam acontecendo alguma atividade que reunisse um número considerável de pessoas.

Na Arena Dodozão, os jogos acontecem sempre em domingos alternados, onde o time do bairro recebe o visitante numa semana e na outra joga fora de casa. Dessa forma, a observação ocorreu no jogo em que o time jogava em casa, sempre no período da tarde. No caso do Açude Antônio Dodó, os sábados e domingos são os dias onde o lugar é mais frequentado como uma área de lazer dos moradores. Por fim, a Capela de São Marcos é o lugar sagrado do bairro, espaço de reflexão e de fé dos habitantes, tendo sua festa realizada no dia 25 de abril, data que homenageia São Marcos. Os três momentos de observação aconteceram entre abril e julho de 2025.

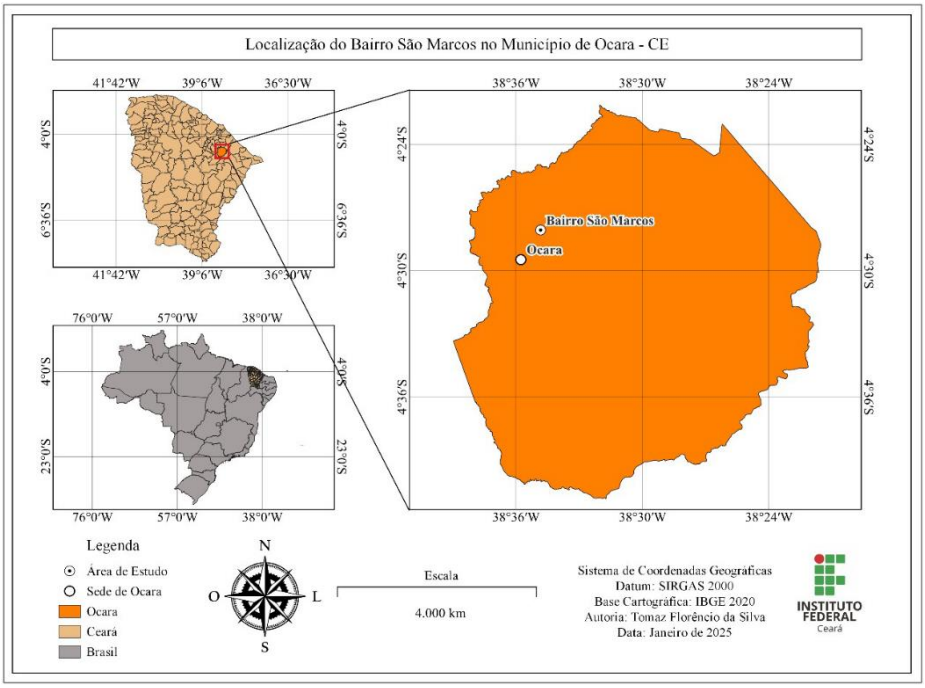
Durante o trabalho de campo também foram realizados registros fotográficos da paisagem. Em respeito à privacidade dos participantes, optou-se por não utilizar imagens que permitissem a identificação direta dos indivíduos observados. A interpretação dos dados ocorreu por meio da articulação entre os registros de campo, as narrativas dos moradores e o referencial teórico adotado, buscando identificar manifestações de topofilia, memória, identidade e pertencimento presentes nas experiências vividas no bairro São Marcos.

A construção do lugar no bairro São Marcos em Ocara-CE

O município de Ocara localiza-se, de acordo com a divisão em regiões de planejamento do estado do Ceará, no Maciço de Baturité, conforme podemos observar na figura 01, com uma distância de 85

km da capital (IPECE, 2017). Tendo uma área absoluta de 765,4 km² apresenta, segundo o censo 2022 do IBGE, 24.493 habitantes. Apresenta clima predominantemente Tropical Quente Semiárido, com temperaturas entre 26°C a 28°C com médias pluviométricas de aproximadamente 959 mm, estando essas chuvas concentradas nos meses de janeiro a abril (IPECE, 2017).

Figura 01 – Mapa de localização do município de Ocara e do Bairro São Marcos.



Elaboração: Autores, 2025.

O bairro São Marcos configura-se como um dos maiores e mais tradicionais bairros da região central de Ocara, conforme evidenciado pelo mapa de localização apresentado (Figura 01). Sua posição geográfica privilegiada, próxima ao centro urbano municipal, contrasta com características que remetem a uma formação histórica particular, iniciada com a chegada do patriarca conhecido como "pai Dodó" e sua família.

A análise espacial revela um bairro que se desenvolveu organicamente ao redor de elementos estruturantes como a Capela de São Marcos, as vias principais e os corpos d'água que

historicamente serviram como recursos vitais para a comunidade. Historicamente, o desenvolvimento do bairro esteve associado às atividades agrícolas e às pequenas iniciativas econômicas familiares, como a casa de farinha mencionada pelos moradores. Essas atividades contribuíram para a formação de redes de solidariedade e sociabilidade que favoreceram a manutenção de práticas culturais locais, demonstrando a estreita relação entre reprodução econômica e produção simbólica do lugar.

A capela representa o centro simbólico e religioso do bairro, com sua arquitetura imponente dominando a paisagem urbana local representada na figura 02. Posicionada estrategicamente em praça pavimentada com cruz lateral, o templo materializa a centralidade da dimensão religiosa na vida comunitária. Segundo Ferreira (2002), quanto mais intensamente um indivíduo está íntimo de um lugar, mais forte torna-se sua identidade com ele. A capela funciona como ponto nodal desta intimidade coletiva, concentrando práticas rituais, celebrações e encontros que fortalecem os laços comunitários. Sua presença física imponente sob o céu azul característico do sertão cearense cria uma imagem que se fixa profundamente no lugar.

Figura 02 – Capela de São Marcos.



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

A observação sistemática do território permitiu identificar pontos de interesse fundamentais para a compreensão das dinâmicas

topofílicas locais. Destacamos locais como a Capela de São Marcos, posicionada centralmente no bairro, o Açude Antônio Dodó e a Arena Dodozão. Estes espaços revelam-se como nós de significação na geografia afetiva do bairro, concentrando memórias coletivas e práticas sociais que possivelmente sustentam a identidade local.

A topofilia, conceito que embasa a análise do bairro São Marcos, transcende a mera relação física com o espaço geográfico. Ela reflete o vínculo profundo e emocional que os indivíduos e comunidades desenvolvem com o ambiente onde vivem, moldado por interações sociais, culturais e pelo simbolismo atribuído aos lugares. No contexto do bairro, esses laços se manifestam não apenas em elementos históricos como a capela ou o açude, mas também em como estes espaços servem como catalisadores para práticas culturais e sociais que reforçam a identidade coletiva.

Ademais, a preservação de locais de significação, como o Museu da Memória Ocarense, destaca o papel da memória cultural na conexão com o território. Esses espaços funcionam como âncoras emocionais que, ao documentarem e celebrarem a rica história e tradições locais, perpetuam o sentimento de pertencimento. O diálogo entre o passado e o presente através desses marcos não apenas sustenta a identidade do bairro, mas alimenta novas expressões culturais que garantem a continuidade da relação com o lugar.

O Açude Antônio Dodó (Figura 03) por exemplo, constitui elemento fundamental na geografia afetiva do bairro. Durante os períodos de seca que historicamente afetaram a região, estes reservatórios representavam a própria sobrevivência da comunidade. A permanência destes corpos d'água na paisagem atual funciona como marcador temporal, conectando passado e presente através de sua materialidade simbólica e histórica. Além disso, sua relevância vai além do aspecto funcional, servindo como ponto de encontro, espaço para atividades comunitárias e até mesmo inspiração para artistas locais, que retratam sua beleza e simbologia em diversas expressões culturais.

Figura 03 – Açude Antônio Dodó.



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

A composição paisagística que integra elementos hídricos e formações geológicas cria um cenário único que marca profundamente o lugar. A presença da serra ao fundo estabelece um horizonte visual constante, funcionando como referência espacial e simbólica que delimita e caracteriza o território do bairro.

O contraste entre as áreas úmidas dos açudes e os terrenos ressecados evidencia a vulnerabilidade ambiental que marca o lugar, reforçando a importância simbólica e prática dos recursos hídricos na construção da identidade local. O declínio de certas práticas comunitárias, como o catecismo dominical e as atividades do clube local - agora mantido fechado - evidencia transformações nas formas de sociabilidade que acompanharam o crescimento populacional.

Segundo Relph (1976), o lugar incorpora não apenas características físicas, mas também as experiências e adaptações humanas a essas condições. A presença das montanhas ao fundo, sob intensa luminosidade solar, cria uma composição paisagística que se imprime na memória coletiva como elemento identitário do bairro,

reforçando o que Tuan (1983) denomina como a transformação do espaço em lugar através da experiência vivida.

A permanência de tradições culturais emerge como elemento crucial na manutenção dos vínculos topofílicos. O reizado, tradição de 60 anos, exemplifica como práticas culturais funcionam como âncoras temporais que conectam gerações. Esta continuidade temporal das práticas culturais contrasta com as descontinuidades observadas em outros aspectos da vida comunitária. Enquanto algumas formas de sociabilidade declinaram, as tradições religiosas e folclóricas persistem, sugerindo que elementos da cultura popular enraizados em práticas coletivas de longa duração demonstram maior resiliência frente às transformações sociais.

A concentração de artistas e intelectuais no bairro - escritores, poetas e músicos, sugere uma dinâmica cultural que transcende as expectativas usuais para bairros populares de cidades do interior. Esta efervescência cultural pode ser compreendida como resultado da combinação entre tradições comunitárias fortes e a emergência de vozes criativas que encontram no pertencimento ao lugar fonte de inspiração e legitimidade.

Os dados analisados indicam que as relações topofílicas no bairro São Marcos funcionam como mecanismo de resiliência comunitária frente às transformações e desafios contemporâneos. O sentimento de pertencimento sustenta-se não apenas em qualidades objetivas do lugar, mas principalmente em investimento afetivo profundo que transforma limitações em características identitárias positivas. A fala de uma moradora evidencia o sentimento afetivo com o lugar, quando ressalta: "Eu me sinto muito feliz, né, e morar desde criança, desde que eu nasci no Barro São Marcos".

Esta resiliência manifesta-se na capacidade de reinterpretar positivamente as características do bairro. A descrição como bairro pobre, de pessoas humildes revela operação simbólica sofisticada que inverte hierarquias sociais convencionais através da valorização do capital cultural e das qualidades morais da comunidade. Esta reinterpretação ressignifica possíveis desvantagens socioeconômicas.

A topofilia no bairro São Marcos revela-se, portanto, não como sentimento nostálgico ou passivo, mas como força ativa na

construção cotidiana da vida comunitária. Os vínculos com o lugar motivam práticas de preservação cultural, estimulam a produção artística local e sustentam redes de solidariedade que garantem a coesão social. Neste sentido, a topofilia emerge como recurso fundamental para a reprodução social e cultural da comunidade, permitindo que o bairro mantenha identidade distintiva mesmo em contexto de transformações urbanas aceleradas.

O espaço esportivo comunitário evidencia a importância dos locais de sociabilidade na construção dos vínculos topofílicos. Nomeada em homenagem aparente ao fundador do bairro "pai Dodó", a arena (Figura 04) representa continuidade simbólica entre passado e presente. As listas de apoiadores visíveis no muro demonstram o envolvimento comunitário na manutenção do espaço, evidenciando o que Duarte et al. (2021) caracterizam como conexão multidimensional entre pessoas e ambiente. A presença de vegetação nativa adaptada ao clima semiárido reforça a integração entre o espaço construído e o ambiente natural, criando um lugar que é simultaneamente funcional e simbolicamente significativo para a comunidade.

Figura 04 – Arena Dodozão.



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Fica evidente na fala de um jovem que assistia a um jogo na arena como as práticas coletivas são determinados para a construção da identidade a partir do afeto, quando o jovem morador ressalta: "Aqui é um lugar onde a gente joga com os amigos todo domingo, já é sagrado todo domingo de tarde vim pra cá". O material observacional coletado revela aspectos significativos das relações topofílicas no bairro São Marcos, evidenciando múltiplas dimensões dos vínculos com o lugar, incluindo aspectos práticos, emocionais e culturais.

A referência ao grande potencial, tanto religioso, como cultural do bairro demonstra o reconhecimento comunitário da riqueza simbólica do lugar. Tuan (1980) observa que a topofilia manifesta-se através da valorização das características específicas do lugar que são consideradas significativas pelos habitantes.

A menção à proximidade com o centro de Ocara revela a importância da localização geográfica para a experiência desse lugar. Esta conveniência locacional contribui para a satisfação com o lugar de moradia e reforça os vínculos de pertencimento. Duarte et al. (2021) evidenciam que a facilidade de acesso a serviços e equipamentos urbanos constitui fator importante para o desenvolvimento de vínculos topofílicos.

A descrição do bairro como pobre e habitado por pessoas humildes que possuem muitos artistas revela a construção de uma identidade comunitária específica. Esta caracterização combina reconhecimento do valor do lugar com orgulho das características sociais da comunidade. Nascimento, Testa e Morais (2022) observam que a presença de artistas e manifestações culturais locais contribui significativamente para a construção de identidades territoriais distintivas.

A referência aos tocadores de sanfona, poetas e outros artistas locais evidencia a vitalidade cultural do bairro. Essas manifestações artísticas funcionam como elementos de diferenciação cultural que contribuem para a construção de uma identidade específica do lugar. Areb (2020) destaca que a presença de expressões culturais locais fortalece os vínculos afetivos entre moradores e território.

A descrição histórica do bairro, incluindo a referência ao "pai Dodó" como fundador e à casa de farinha que gerou empregos, revela a construção de narrativas sobre a origem da comunidade. Pollak

(1992) evidencia que essas narrativas fundacionais constituem elemento fundamental da memória coletiva e contribuem para a manutenção da identidade comunitária.

A observação sobre as transformações do bairro ao longo do tempo revela tensões entre passado e presente que são características dos processos de mudança social. A nostalgia expressa em relação ao passado indica a percepção de perdas culturais e sociais que afetam os vínculos com o lugar. A menção ao fechamento do clube onde ocorriam apresentações culturais evidencia como as transformações urbanas podem afetar negativamente os espaços de sociabilidade comunitária. Essa perda representa desafio para a manutenção dos vínculos topofílicos e para a continuidade das práticas culturais locais.

A referência ao reisado como tradição que acontece há 60 anos e sempre tem no Bairro São Marcos demonstra a continuidade das práticas culturais tradicionais. Wankler (2013) observa que essas tradições de longa duração constituem elementos fundamentais para a manutenção dos vínculos topofílicos e para a preservação da identidade local.

A iniciativa de manter um espaço de preservação da memória local representa estratégia concreta de preservação cultural. Esta ação individual com impacto coletivo demonstra como os vínculos topofílicos podem motivar iniciativas de preservação patrimonial.

A afirmação de que o bairro representa a cultura de Ocara revela o reconhecimento da importância cultural do lugar em escala municipal. Esta percepção evidencia como os vínculos topofílicos locais podem estender-se para identificações territoriais mais amplas, contribuindo para a construção de identidades regionais.

Considerações finais

O presente estudo buscou compreender as relações entre topofilia, memória, identidade e pertencimento no bairro São Marcos, localizado no município de Ocara-CE, a partir das experiências e significados atribuídos pelos seus moradores ao lugar vivido. Fundamentado nos pressupostos da Geografia Humanista e desenvolvido por meio de uma abordagem etnogeográfica, o trabalho permitiu identificar que os vínculos afetivos construídos no cotidiano

constituem elementos centrais na produção das identidades locais e na valorização dos espaços comunitários.

As observações realizadas em campo e as conversas com moradores evidenciaram que lugares como a Capela de São Marcos, o Açude Antônio Dodó e a Arena Dodozão ultrapassam sua materialidade física, assumindo funções simbólicas associadas à memória coletiva, às práticas culturais e às formas de sociabilidade presentes no bairro. Esses espaços configuram-se como referências importantes para a construção do sentimento de pertencimento, fortalecendo os laços entre os sujeitos e o lugar.

A pesquisa também demonstrou que a identidade local não é construída apenas pelos elementos naturais ou pelas estruturas físicas existentes, mas sobretudo pelas experiências compartilhadas, pelas narrativas, pelas manifestações culturais e pelas relações sociais estabelecidas ao longo do tempo. Nesse sentido, a memória emerge como um importante mecanismo de preservação das referências coletivas, contribuindo para a continuidade dos significados atribuídos ao bairro e à sua história.

Ao mesmo tempo, compreende-se que as identidades associadas ao lugar não são fixas ou homogêneas, mas resultam de processos contínuos de construção e reconstrução social. Assim, os vínculos afetivos observados no bairro São Marcos revelam a complexidade das relações entre sujeitos e espaço, evidenciando que o pertencimento é constantemente produzido nas vivências cotidianas e nas interações comunitárias.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos sobre lugar, memória e identidade na Geografia, ao evidenciar a importância das experiências vividas na compreensão das relações socioespaciais. Além disso, destaca-se a relevância de valorizar os patrimônios materiais e imateriais presentes nas comunidades locais, reconhecendo-os como elementos fundamentais para a preservação da memória coletiva e para o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e identidade territorial. Sugere-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento das análises sobre as transformações socioespaciais do bairro e seus impactos nas formas contemporâneas de vivenciar e significar o lugar.

Referências bibliográficas

AMARAL, A. L. **Dicionário de Direitos Humanos**, 2006. Disponível em: http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento Acesso em: 23 dez. 2025.

ARANTES, A. A. Prefácio. In: ARANTES, A. A. (org**). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.7-10.

AREB, M. V. MANAUS E TOPOFILIA: Comida e afetividade na construção do lugar. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 9, n. 19, p. 145-162, 2020.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, L. M. **Topofilia, Memória E Identidade Na Vila Do IAPI Em Porto Alegre**. Para Onde!?, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2010. DOI: 10.22456/1982-0003.22114. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22114. Acesso em: 24 jul. 2024.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896 Acesso em: 24 jul 2024.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAVEIRO, E. F. Corporcidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; WERTHER, H.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 249-279.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, A. C. A.; GONÇALVES, C. U.; NASCIMENTO, F. R.; ARRAIAS, T. A. (Ed.). **Itinerários geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007. p. 13-35.

DARDEL, E. **O homem e a terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE GOUVEIA, M. S. TOPOFILIA E TOPOFOBIA EM "ACREANIDADE: INVENÇÃO E REINVENÇÃO DA IDENTIDADE ACREANA"; UÁQUIRI-**Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre**, v. 4, n. 2, 2022.

DE LIMA GUIMARÃES, S. T. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul,** v. 17, n. 33, p. 117-142, 2002.

DE SOUSA FROTA, A. J. Memória, paisagem identitária e topofilia: sentido de espaço em Goodbye to a River e The Man Who Rode Midnight. **Contexto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Fortaleza, n. 31, 2017.

DO CARMO GONÇALVES GUIMARÃES, G.; PINHEIRO NETO, J. E. Relações topofílicas em Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais e Villa Boa de Goyaz, de Cora Coralina. **Ícone: Revista de Letras**, v. 21, n. 1, 2021.

DO NASCIMENTO, R. V.; TESTA, E. C.; DE MORAIS, P. K. VOZES E VERSOS: A TOPOFILIA E A IDENTIDADE NOS POEMAS QUILOMBOLAS DO TOCANTINS. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 20, p. 224-238, 2022.

DUARTE D. R. et al. **Conexão entre pessoas e ambiente: uma revisão de literatura sobre topofilia. Oculum Ensaios**, v. 18, e214706, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.242202318-0919v18e2021a4706. Acesso em: 2 set. 2025.

ENTRIKIN, N. **The betweenness of place: towards a geography of modernity**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991a.

FEITOSA, M. Topofilia e espaciosidade em Lanzarote: a experiência epifânica de Saramago. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, n. 57, 2023.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia. Goiânia**, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas de população. Ocara-CE**. IBGE Cidades. 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/ocara/panorama Acesso em: 4 jul. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. **Perfil Municipal de Ocara 2017**. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Ocara_2017. Acesso em: 14 ago. 2024.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências-UFRJ**. Vol.21. p.20, 1998.

LOPES RIBEIRO, Zenilda. Uma abordagem conceitual sobre a etnogeografia: definições, gênese e fundamentos. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 57, p. 39–60, 2022. DOI: 10.62516/terra_livre.2021.2268. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2268. Acesso em: 17 jun. 2026.

LEWIS, P. Axioms for reading the landscape: some guides to the American scene. In: MEINIG, D. W. (org.). The interpretation of ordinary landscapes: geographical essays. Nova Iorque: **Oxford University Press**, 1979, pp. 11-32.

LOWENTHAL, David. Caribbean views of caribbean land. **Canadian Geographer**, v. 5, n. 2, p. 1-9, 1961.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: Christofoletti, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia. São Paulo:** DIFEL, 1982 [1961].

LUCKERMANN, F. Geography as a formal intelectual discipline and the way in wich it contributes to human Knowledge. **Canadian Geographer**, v. 8, n. 4, p. 167-172, 1964.

MARANDOLA JUNIOR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; WERTHER, H.; OLIVEIRA, L. (Org.). Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: **Perspectiva,** 2014. p. 227-247.

MARANDOLA, Eduardo. MAPEANDO "LONDRINAS": IMAGINÁRIO E EXPERIÊNCIA URBANA1. **Geografia**, *[S. l.]*, v. 33, n. 1, p. 103–126, 2008. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1777. Acesso em: 17 jun. 2026.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. Ed. São Paulo: **Hucitec**, 2010. p. 261- 297.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. O lugar como uma construção social. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 2, n. 14, 2011. DOI:10.33081/formacao. v2i14.645. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645. Acesso em: 2 set. 2025.

NAKAMA, L. Y. T. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Lúcia Y. Nakama. Londrina: Eduel, 1980. 156 p.

NASCIMENTO, C. A. Tempo, terra, a terra do meu tempo: questões de topofilia, identidade e memória, em Cora Coralina e Zeca Preto. **[Revista não especificada**], 2023.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; WERTHER, H.; OLIVEIRA, L. (Org.). Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: **Perspectiva,** 2014. p. 17-32.

RODRIGUES, M.; SANTOS, R. D. O. D.; RAIMUNDO, S. Topofilia e expressões imagéticas sobre o turismo: contribuições e perspectivas da comunidade quilombola da Rasa (**Armação dos Búzios–RJ**). (Syn)thesis, v. 16, n. 2, p. 74-96, 2023.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 168-185, 2013.

SILVA, R. G. **Construção de pertencimento a partir do espaço geográfico**: ancestralidade e topofilia no Centro de Ensino Quilombola Rafaela Pires, no quilombo Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/MA. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024.

TUAN, Y. F. **Space, and place: the perspective of experience.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.